

Para a História do Socialismo

Documentos

www.hist-socialismo.net

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 7.9.2017

(original em <http://www.stalinwerke.de/Diverses/stalinsbeitraege.html>)

Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XVIII)

Ulrich Huar

Capítulo II

«O Mundo olha para vós...»

1941 – 1942/43

Júkov considerava que já se tinha escrito muito sobre a guerra, «*ainda que em parte de forma tendenciosa e sem suficiente conhecimento especializado*». ¹ Deve-se concordar com ele, embora seja o mínimo que se pode dizer.

Na véspera de 22 de Junho, 170 divisões soviéticas estavam «*distribuídas num imenso território com cerca de 4,5 mil quilómetros de frente entre o Mar de Barents e o Mar Negro e 400 quilómetros de profundidade*». Nesta frente estava também incluído o conjunto das costas, «*que estavam simplesmente defendidas pela defesa da costa e a frota da marinha de guerra. Entre Talin e Leningrado não havia tropas na costa. Por isso as nossas 170 divisões encontravam-se na realidade numa frente com 3375 quilómetros de comprimento. Na verdade, elas não estavam agrupadas uniformemente ao longo da fronteira.*» ²

Segundo Júkov, 2,9 milhões de homens encontravam-se nas zonas fronteiriças militares a Ocidente, incluindo a Marinha, mais de 1500 aviões de novo tipo e «*inúmeros aviões de construção antiga*», cerca de 35 mil canhões e lança-granadas, sem incluir lança-granadas de 50mm, 1800 tanques pesados e médios, dos quais dois terços de novo tipo e um número significativo de tanques com horas de funcionamento limitadas. ³

O PCU(b), o seu secretário-geral, Stáline, desde Maio de 1941 também presidente do Conselho dos Comissários do Povo e chefe do Quartel-General soviético, Timochenko, Comissário do Povo para a Defesa, e a administração da indústria soviética

¹ Júkov, *ibidem*, p. 306.

² *Idem*, *ibidem*.

³ *Idem*, *ibidem*, p. 270.

tinham **feito tudo** para assegurar a defesa da URSS face a um ataque do imperialismo fascista alemão. Stáline estava **rigorosamente informado** sobre as capacidades e as fraquezas ainda existentes no equipamento técnico do Exército Vermelho. Sabia que nesta altura a *Wehrmacht* era superior económica, técnica e materialmente ao Exército Vermelho. A União Soviética precisava ainda de, pelo menos, mais um a dois anos para alcançar um armamento equivalente ao alemão e das outras potências imperialistas.

A Turquia no Cáucaso e o Japão no Extremo Oriente estavam prontos para entrar em guerra contra a União Soviética. Nestas condições foi correcto evitar tudo o que pudesse servir de pretexto aos fascistas alemães para iniciarem uma guerra contra a URSS. Stáline e os membros do *Politburo* do PCU (b), assim como o Quartel-General estavam conscientes de que o ataque se concretizaria; Stáline – e não só ele – queria adiar esse momento o máximo possível. Em Junho de 1941, o **objectivo principal** da estratégia política e militar soviética era **ganhar tempo**. E aqui residia a fronteira entre uma política correcta e um erro estratégico-militar de dimensões trágicas.

Júkov escreveu: «*Hoje é tempo de apontar o erro principal dessa altura, do qual resultaram muitos outros: a avaliação errada da data provável do ataque das tropas fascistas*». ⁴

Polemizando com «*alguns autores*» que afirmam que antes da guerra «*não existiam planos de mobilização de tropas e nenhuns planos de estratégicos militares*», Júkov indica que naturalmente existia um plano de mobilização e operação das forças armadas. ⁵ Contudo havia um erro estratégico no plano, que se baseava numa tese falsa. «*Stáline estava convencido de que o fascismo alemão, no ataque à União Soviética, estaria, em primeiro lugar, empenhado em ocupar a Ucrânia e a Bacia do Donets, para roubar à União Soviética importantes regiões económicas e apossar-se dos cereais ucranianos, do carvão de Donets e mais tarde, também do petróleo caucasiano.*

Numa reunião sobre o plano da Operação na Primavera de 1941, disse: «*Sem estes recursos vitais, a Alemanha fascista não conseguirá manter uma guerra prolongada*» (...) *Esta sua afirmação também tinha alguma fundamentação objectiva, mas não tomava em consideração os planos da guerra relâmpago do adversário contra a URSS.*» ⁶

Segundo o tenente-general A.A. Gretchko (mais tarde marechal da União Soviética), a hipótese de Stáline de que a direcção principal do ataque dos agressores fascistas seria para o Sul não era infundada. Gretchko refere uma instrução do ACW (Alto Comando da *Wehrmacht*), de 21 de Agosto de 1941, ao Alto Comandante do Exército, na qual é sublinhada a importância «*da rápida ocupação da Crimeia e da Bacia do Donets pelas tropas alemãs e o seu avanço para o Cáucaso*». ⁷

Cita ainda um estudo assinado por Hitler, de 22 de Agosto de 1941, para o Alto Comando do Exército: «*Por fim, também é urgentemente necessário, por razões políticas, avançar para uma região que não só impeça o acesso da Rússia ao petróleo,*

⁴ Idem, ibidem, p. 273.

⁵ Idem, ibidem, p. 260.

⁶ Idem, ibidem, p. 261 e seg.

⁷ A. A. Gretscko, *Die Schlacht um den Kaukasus (A batalha do Cáucaso)*, Moscovo, 1969/Berlim, 1971, 1ª ed., p. 34.

mas também dê a esperança principalmente ao Irão de contar com a ajuda alemã em tempo útil, no caso de resistência contra a ameaça russo-inglesa.

Perante as tarefas acima referidas a Norte, que se nos colocam neste teatro de guerra, assim como as que se nos colocam a Sul, o problema de Moscovo, no seu significado, perde consideravelmente importância.»⁸

Da análise dos documentos, Gretchko conclui: «*A tendência de deslocar as forças principais para o flanco sul da frente soviético-germânica foi aumentando à medida que se revelava o fracasso da ideia da “guerra relâmpago” e se devia contar com uma guerra prolongada...».*⁹

Como é claro, a mudança da direcção estratégica pelo comando fascista só foi tomada em Agosto, depois de ser evidente que a «*guerra relâmpago*» contra a União Soviética não resultava.

Tippelskirch criticou esta decisão de Hitler de alterar o plano original – em direcção a Moscovo – e dirigir a direcção principal para a Crimeia – Bacia do Donets – Cáucaso, da mesma forma que responsabilizou Hitler por todas as derrotas da *Wehrmacht*. A 21 de Agosto, Hitler ordenou a continuação da operação de acordo com as seguintes directivas: «*O objectivo mais importante a alcançar ainda antes da chegada do Inverno não é a tomada de Moscovo, mas sim, no Sul, a tomada da Crimeia, da região industrial e do carvão de Donets, assim como o estrangulamento do abastecimento aos russos do petróleo do Cáucaso e a Norte a conquista de Leningrado e a união com os finlandeses.*

As poderosas forças russas no flanco norte do Grupo de Exércitos Sul devem ser destruídas, antes de se atravessar o rio Desna e o sector de Sula. Só assim haverá a necessária segurança no flanco norte da Frente Sul para executar as operações a Leste do rio Dniepre na direcção de Rostov e Kharkov.

O Grupo de Exércitos Centro deve, por isso, independentemente de operações posteriores, colocar a Sul as forças necessárias para poder destruir as forças russas, mantendo a possibilidade de se defender de ataques inimigos no centro.

A rápida tomada da Crimeia é da maior importância para o fornecimento de petróleo à Alemanha, que está ameaçado enquanto as fortes unidades aéreas russas se mantiverem na Crimeia.

Só quando das forças russas forem destruídas pelo Grupo de Exércitos Sul e o Grupo de Exércitos Norte se tiver unido aos finlandeses num apertado cerco a Leningrado estarão criadas as condições para o Grupo de Exércitos Centro atacar e derrotar com êxito as forças inimigas que se lhe opõem.»¹⁰

Houve avisos à União Soviética e pessoalmente a Stáline de que o ataque da *Wehrmacht* fascista estava iminente. A razão pela qual Stáline não retirou as devidas conclusões é uma questão repetidamente colocada.

Em primeiro lugar, não é totalmente correcto que ele não tenha retirado conclusões. Contudo, do ponto de vista militar elas foram insuficientes. As medidas dos

⁸ *Diários de Guerra do Alto Comando da Wehrmacht* (Estado-Maior da *Wehrmacht*), Vol. I, 1/08/1940 a 31/12/1941, org. e ed. Por Hans-Adolf Jacobsen, Frankfurt, Moscovo, 1965, p. 1604. Citado segundo Gretchko, p. 34.

⁹ Gretschko, *ibidem*, p. 35. Ver também Chtemenko, *Im Generalstab* (No Estado-Maior), Vol I., Berlim, 1974, 6ª ed., p. 34.

¹⁰ Tippelskirch, *ibidem*, p. 198 e seg.

referidos planos operativos e de mobilização só podiam ser iniciadas com uma resolução especial do Governo. «Essa resolução só foi tomada na noite de 22 de Julho de 1941.»¹¹

Júkov ampliou a questão, «por que razão a direcção, com Stáline a chefiar» não executou mais cedo as medidas previstas no plano operativo. «Estes erros e equívocos são atribuídos na maioria das vezes a Stáline. Stáline cometeu sem dúvida erros, mas eles não devem ser isolados dos processos e manifestações históricos objectivos, não podem ser considerados isoladamente do conjunto dos factores económicos e políticos. **Nada é mais fácil do que, numa altura em que já são conhecidas todas as consequências, regressar ao início dos acontecimentos e saber tudo, fazendo todo o género de juízos de valor. Mas também nada é mais difícil do que analisar todo o complexo de questões, de se orientar no conflito entre as forças e de ponderar as diferentes opiniões, informações e factos.**»¹²

Também ressalta claramente de outras publicações sérias, como Júkov escreve, que, no que respeita a Stáline, «toda a sua razão de ser era dominada pelo desejo de evitar uma guerra e pela certeza de que o conseguiria. Stáline sabia inquestionavelmente a pesada desgraça que significaria para os povos da União Soviética uma guerra contra um adversário tão poderoso e experiente como a Alemanha fascista. Por isso ele coincidia com todo o nosso Partido no esforço para evitar uma guerra.»¹³

Que avisos foram esses e donde vieram?

Tem de se referir o governo de Churchill, entre cujos ministros se encontravam homens do calibre de Lord Simon, que já tinham feito parte do governo de Chamberlain e queriam, com a sua política, provocar uma guerra entre a URSS e a Alemanha. E no que toca a Churchill, um crítico consequente do governo de Chamberlain, tratava-se de manter o Império britânico, que via ameaçado pela Alemanha fascista e, por isso, estava interessado numa guerra entre a União Soviética e a Alemanha. Depois da capitulação da França, a Grã-Bretanha estava isolada perante as poderosas unidades alemãs no Canal, encontrava-se numa perigosa guerra marítima contra os submarinos alemães, numa situação de «*splendid isolation*». Uma guerra da Alemanha contra a União Soviética, na qual ambas se enfraquecessem, era bem-vinda para Churchill. Com uma guerra germano-soviética, afastava-se antes de mais a possibilidade de uma invasão alemã a Inglaterra. Recorde-se que durante as negociações da URSS com a Grã-Bretanha e a França sobre medidas militares conjuntas contra o agressor fascista, no Verão de 1939, o governo de Chamberlain conduzia negociações secretas com a Alemanha fascista em Londres, nas quais as esferas de influência mundiais entre ambas as potências imperialistas deviam ser definidas.¹⁴

Não é fácil ajuizar hoje sobre as consequências que o voo a Inglaterra de Rudolf Hess, representante de Hitler, a 10 de Maio de 1941, 43 dias antes do ataque à URSS, teve no pensamento e tomada de decisão de Stáline.

O embaixador da URSS em Londres à época, I.M. Maíski, escreveu nas suas memórias: «Na Primavera de 1941, tudo o que era basilar e essencial sobre o voo de

¹¹ Júkov, *ibidem*, p. 274.

¹² *Idem*, *ibidem*, sublinhado meu.

¹³ *Idem*, *ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*, p. 279, ver também capítulo I, U. Huar.

Hess era já do conhecimento da embaixada da URSS.»¹⁵ Na imprensa britânica, segundo Maíski, houve várias fases no tratamento do voo de Hess. Entre outras, houve simpatias por Hess, que odiava a URSS por profunda convicção, e condenações a Hitler pelo seu «apaziguamento» com o bolchevismo.

Mesmo entre os ministros do governo de Churchill, encontravam-se alguns que pensavam que se devia «aproveitar a oportunidade inesperada para estabelecer contactos com Hitler ou pelo menos sondar as eventuais condições de paz».¹⁶

Estes acontecimentos, respeitantes a Hess, foram naturalmente comunicados pela embaixada a Stáline e Mólotov.

Interessantes são as informações do publicista britânico Ted Harrison sobre o voo de Hess, a reacção dos políticos britânicos e o efeito que isso teve de ter sobre o governo soviético.

«Não só a opinião pública britânica estava admirada e decepcionada com o tratamento do caso Hess pelo governo britânico, mas também a União Soviética estava perplexa e preocupada. A direcção soviética sabia que uma aliança germano-inglesa equivalia à destruição da União Soviética. Depois de a França ter sido vencida em Junho de 1940, os soviéticos também estavam preocupados com a permanência no gabinete de Churchill de políticos a favor do Appeasement, como Lord Simon. Em Julho de 1940 o embaixador soviético em Londres, Ivan Maíski, falou com os seus amigos ingleses sobre os seus receios de que a Grã-Bretanha, em determinadas circunstâncias, "através da traição da classe dirigente, à semelhança da de Pétain e do seu grupo" pudesse vir a ser vencida. Na Primavera seguinte, a preocupação da União Soviética sobre uma possível aproximação germano-inglesa acentuou-se fortemente por via do embaixador britânico em Moscovo, Sir Stafford Cripps. A 18 de Abril de 1941, Cripps, impulsivo, avisou Mólotov no seu memorando: "Caso a guerra se prolongue por um longo espaço de tempo (...) a Grã-Bretanha (e principalmente determinados círculos na Grã-Bretanha) pode cair na tentação de terminar a guerra através de um acordo." Neste contexto, a viagem de Hess à Grã-Bretanha, realizada logo de seguida, teve de surgir ao governo soviético como algo mais do que casual. Segundo o memorando de Cripps, Maíski recebeu expressamente de Moscovo a tarefa de não perder de vista todas as aproximações de paz germano-inglesas. Maíski entrou de imediato em contacto com Rab Butler, subsecretário de Estado para a política externa. Butler informou Eden: "O embaixador soviético defendeu a opinião de que Hess é um grande adepto do Mein Kampf. Disse seriamente que Hess era um dos grandes adversários dos russos entre os dirigentes nazis e que isso não lhe tinha escapado. Afirmou também que Hess acreditava numa aliança com este país e não com a Rússia." Contudo Butler não fez nada para satisfazer Maíski. Manteve a sua política do silêncio e recusou disponibilizar informações de qualquer espécie, o que lhe valeu o reconhecimento de Eden. Na verdade, Butler só piorou o faux pas da política do silêncio. Maíski concluiu da conversa que o gabinete britânico tomara seriamente em consideração a proposta de paz de Hess.»¹⁷

¹⁵ I.M. Maíski, *Memoiren eines sowjetisches Botschafters (Memórias de um Embaixador Soviético)*, Moscovo, 1964/65, Berlim, 1984, 7ª edição, p. 640.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 639.

¹⁷ Ted Harrison, «...wir wurden schon viel so oft hereingelegt.» (...já fomos enganados tantas vezes), Maio de 1941. Rudolf Hess à vista dos ingleses. Citado de acordo com Kurt

Por conseguinte, Stáline era da opinião de que Hess fora enviado por Hitler com essa missão.

Teria Stáline razões para confiar nos avisos de Inglaterra? Não se tratava de *gentleman's* honrados, interessados no bem-estar dos povos da União Soviética e seriamente empenhados na existência da União Soviética, mas sim de políticos imperialistas que destruiriam a União Soviética na primeira ocasião.

Houve avisos de soldados alemães e de sargentos que se passaram para o Exército Vermelho. Diziam a verdade ou tratava-se de provocadores? Sabemos hoje que diziam a verdade, mas Stáline podia sabê-lo nessa altura?

Refira-se por fim a preocupação de Richard, que radiotelegrafou a data do ataque de Tóquio para Moscovo. Sabemos hoje quem era Richard Sorge. Nessa época também não era um desconhecido. O *Komintern* conhecia-o. Mas o *Komintern* também não era completamente imune aos trotskistas. Qual a origem das suas informações? À época, tudo isto eram factores desconhecidos.

Antes do ataque de 22 de Junho houve várias provocações fronteiriças. Devia Stáline deixar que elas o arrastassem para uma guerra de vida ou de morte?

Nas decisões de Stáline pesavam não só os seus conhecimentos militares, mas antes de mais os de um homem de Estado. Ele era a instância máxima no sistema político da URSS. Em última análise, era nos seus ombros que repousava a responsabilidade por uma guerra da qual dependia a existência da União Soviética.

Chtemenko achava que «*numa guerra, naturalmente, não se pode antever tudo. “Quem quer prever tudo na guerra, não deve fazê-la” comentou Napoleão. Como disse, a eficácia de um comandante-chefe é sempre acompanhada por acasos inesperados. Ele só pode tomar medidas depois da entrada em cena desses acontecimentos e isso é naturalmente uma fonte de enganos e erros.*

Um erro trágico foi a opinião do Alto Comando soviético, e pessoalmente de Stáline, sobre o momento do ataque à União Soviética. Na verdade sabia-se que a Alemanha fascista nos atacaria e o país preparou-se resolutamente para a resistência à agressão, contudo não a esperávamos logo em Junho, mas sim muito mais tarde. Esforçámo-nos em vão por adiar o momento do ataque, mas o adversário antecipou-se-nos.»¹⁸

Júkov escreveu o seguinte: «*Quando a perigosa situação amadureceu, nós militares manifestamente não fizemos tudo para convencer Stáline de que uma guerra com a Alemanha era inevitável no curto prazo e que eram necessárias medidas urgentes de acordo com o plano operativo e de mobilização.*

Estas providências naturalmente também não teriam assegurado o completo êxito da resistência ao ataque, já que as forças de ambos os lados eram tudo menos equivalentes. Mas as nossas tropas deveriam ter entrado no combate mais organizadas e conseqüentemente podiam ter provocado maior número de baixas ao adversário. São disto prova os bem-sucedidos combates de resistência das tropas e unidades aos ataques nas regiões de Vladimir-Volinski; Rava-Russkaia; Peremichl e outros sectores da Frente Sul.»¹⁹

Pätzold/Manfred Weiss-Becker, *Rudolf Hess, Der Mann na Hitlers Seite (O Homem ao Lado de Hitler)*, 1ª edição, Leipzig, 1999, p. 388 e seg.

¹⁸ Chtemenko, vol. 2, p. 429.

¹⁹ Júkov, *ibidem*, p. 281.

Basta a comparação entre as forças soviéticas e alemãs para refutar a mentira da guerra preventiva, berrada por Hitler e Goebbels pelo mundo fora, para «*salvar a Europa do bolchevismo*», e divulgada pela escrita revisionista da história na RFA até aos nossos dias, ainda por cima legitimando posteriormente a guerra de agressão criminosa dos imperialistas alemães contra a União Soviética.

Até Tippelskirch, que não pertencia exactamente aos simpatizantes da União Soviética ou até mesmo de Stáline, viu-se obrigado a refutar esta mentira da guerra preventiva, mesmo quando, expressando-se na linguagem corrente da escrita burguesa da história militar da RFA, se esforça por atribuir toda a culpa – principalmente pelas derrotas – a Hitler e eximir os generais da responsabilidade pela guerra de agressão, que eles próprios planearam e executaram, assim como desculpabilizá-los pela derrota catastrófica, salvando desta forma o militarismo alemão no pós-guerra.

«A hipótese de a União Soviética provocar, a breve trecho, um conflito armado era, por razões políticas e militares muito improvável, por muito que fosse legítima a preocupação de que, mais tarde e sob condições favoráveis, a União Soviética se pudesse tornar num vizinho incómodo e mesmo perigoso. Na altura, contudo, não havia razão para a União Soviética abdicar de uma política que até aí lhe tinha trazido os melhores êxitos quase sem combates. Estava prestes a converter os seus antiquados blindados e aviões e ao mesmo tempo a transferir parte importante da sua indústria de armamento para lá dos Urais. Um ataque à Alemanha, país que apenas dispersara partes insignificantes do seu exército noutras frentes e podia concentrar a sua poderosa aviação a Leste em qualquer momento, não estava na mente dos políticos cuidadosos e ponderados do Krémelin, que, em 1941, ainda não se sentiam capazes de defender incondicionalmente o seu país. Seguramente que não escapou aos serviços de informação russos, que a força militar alemã se deslocava cada vez mais para Leste. A direcção russa tomou as suas contramedidas.

A 10 de Abril, o Conselho de Guerra russo, sob a direcção de Timochenko, declarou o estado de alarme e aumentou as preparações militares para todas as unidades na Frente Oeste. A 1 de Maio foram tomadas mais medidas urgentes de preparação para a guerra e medidas de protecção da fronteira ocidental russa. A 6 de Maio, Stáline, que até aí era apenas secretário-geral do Partido Comunista, ainda que sendo o homem mais poderoso na União Soviética, sucedeu a Mólotov no cargo de presidente do Conselho dos Comissários do Povo e assim ficou oficialmente à cabeça do governo. Este passo significou, pelo menos formalmente, um reforço da autoridade do governo e uma concentração das forças. Não era de esperar uma alteração da política em relação à Alemanha, em resultado desta mudança. Pelo contrário, a União Soviética continuava a esforçar-se por cumprir integralmente as suas obrigações resultantes do tratado comercial.

Dentro das suas forças, estava preparada para um conflito armado. O comando alemão não podia contar com uma surpresa estratégica. O máximo que se podia conseguir era manter em segredo a data do ataque, de modo que a surpresa táctica facilitasse o primeiro ataque ao inimigo.»²⁰

Destas afirmações resulta claramente que:

1. A União Soviética não representava nenhum perigo.
2. A *Wehrmacht* dispunha de superioridade técnico-militar, contra a qual o Exército Vermelho «*ainda não se sentia capaz de defender incondicionalmente*».

²⁰ Tippelskirch, *ibidem*, p. 180.

3. Uma guerra contra a Alemanha não podia estar «*na mente dos políticos cuidadosos e ponderados do Krémelin*» (ou seja Stáline, UH).

4. O poder soviético «*tomou as suas contramedidas*», preparou-se para a defesa. Estava «*tanto quanto as suas forças o permitiam*» preparado para a guerra.

5. O comando alemão – ou seja, também os senhores generais – não podiam contar com uma surpresa estratégica.

6. O máximo que podiam era «*manter em segredo a data do ataque*», uma «*surpresa táctica*» que podia facilitar «*o primeiro ataque*».

Tippelskisch, à sua maneira, confirmou a avaliação feita por Júkov.

Sobre as reacções de Stáline ao ataque de 22 de Junho de 1941, há também, a par de avaliações sérias, apreciações muito curiosas, principalmente de historiadores do período da *glasnost*, a quem foram **parcialmente** abertos os arquivos por Gorbachov e Éltsine, nos quais se puderam servir à vontade dos documentos que quiseram (ignorando outros) para difamar a personalidade de Stáline.²¹

²¹ Algumas notas sobre os materiais de arquivo: 1.º Nunca serão disponibilizados **todos** os documentos. 2.º Foram destruídos documentos. 3.º O historiador em causa escolhe e analisa sob determinados aspectos subjectivos que – em última instância – são de classe, ou seja, determinados ideologicamente. Na avaliação de personalidades históricas incluem-se os valores individuais do historiador. Uma história sem ideologia não existe desde a existência da sociedade de classes. A afirmação dos historiadores burgueses de representarem uma historiografia «*objectiva*», «*sem ideologia*», em si é já ideológica, no sentido em que a historiografia burguesa partidária reclama ser «*objectiva*», «*sem ideologia*», e pretende ser aceite enquanto tal, enquanto a história marxista-leninista faz coincidir a objectividade científica com o tomar partido e nesse ponto tem um carácter abertamente ideológico e, portanto, é «*ideológica*», sendo por isso condenada como «*não científica*». (Não é possível referir aqui as diversas escolas da historiografia burguesa).

A história marxista-leninista abrange três funções: 1. uma função teórico-científica; 2. uma função ideológica e 3. uma função pragmática. A função ideológica inclui o tomar partido abertamente pelos interesses da classe operária. Ideologia e objectividade científica coincidem com os interesses objectivos da classe operária, já que a classe operária é a única classe na sociedade capitalista interessada objectivamente na verdade histórica, enquanto a burguesia, detentora dos meios de produção e exploradora da força de trabalho dos trabalhadores (não detentores), tem de disfarçar, falsificar a verdade objectiva da história para assegurar ideologicamente o seu domínio de classe. Se a burguesia aceitasse a verdade histórica dos últimos 150 anos, isto significaria o sacrifício da sua própria identidade teórica e histórica. A sua ditadura de classe requer a mentira histórica. Que alguns historiadores burgueses rompam com esta *praxis*, isso nada altera, quanto muito pode-se dizer que esses historiadores deixam de ser historiadores «*burgueses*».

Os historiadores russos da *glasnost* tal como os «*purificados*» antigos historiadores da ex-RDA que se venderam à burguesia, na linguagem do PDS, e «*chegaram à RFA*» lançando o seu montinho ou montão de lixo sobre a RDA e oferecendo os seus desabafos como «*novíssimo conhecimento*», mostram ser, com as suas difamações, renegados vulgares que enquanto *insiders* a burguesia gosta de utilizar, porque as suas meias verdades e mentiras, a sua «*objectividade*», são mais bem aceites do que as dos historiadores abertamente conservadores.

Na sociedade capitalista, os produtos da historiografia também estão sujeitos às leis do mercado. O historiador da sociedade capitalista é também um trabalhador assalariado da burguesia, vende, como qualquer outro trabalhador na produção, a sua força de trabalho aos detentores (neste caso dos *media*) que a podem explorar. Marx e Engels chamaram a atenção

Ajuizando pelo seu artigo «*Stáline e o ataque da Alemanha hitleriana à União Soviética*»,²² Gueórgui Kumaniov pertence a este grupo de historiadores da *glasnost* e é considerado «*especialista*» da Grande Guerra Pátria 1941-45 no mercado da história revisionista. Willi Gens traduziu, sem comentários, alguns excertos do seu livro «*Ao Lado de Stáline*», publicado em 2001, em Smolensk, para [a revista] *Marxistischen Blättern*, Caderno 2-03.

Enquanto as avaliações aí reproduzidas de A.M. Vassilévski coincidem, no essencial, com as de Júkov e de Chtemenko, entre outros, as de A.I. Mikoian (1922-1966, membro do *Politburo* do CC do PCUS) contêm meias verdades e algumas afirmações que, no mínimo, são tendenciosas. Mikoian faz parte daquelas personalidades a quem não se pode negar o mérito da sua contribuição para o desenvolvimento da economia na URSS no tempo de Stáline. Simultaneamente revelou-se um oportunista, com presença contínua no *Politburo* até 1953, com Stáline, a partir de 1954, com Khruchov, e depois de 1964, com Bréjnev, o que não deve ter sido possível sem metamorfoses da consciência.

Mikoian também pertencia ao círculo dos membros do CC que, no plenário de Dezembro do CC do PCUS (1957), votou pela exclusão do CC dos «*inimigos do Partido*» (!): Mólotov, Málenkov e Kaganóvitch. Os camaradas referidos tinham sido abertamente contra «*o curso do Partido aprovado no XX Congresso e a correção dos erros e falhas resultantes do culto da personalidade*».

Do mesmo modo, nesse plenário, Júkov foi excluído dos órgãos dirigentes do Partido e exonerado do seu cargo de ministro da Defesa da URSS.²³ Explicitando: Mólotov, Málenkov, Kaganóvitch e Júkov eram contra a política revisionista e voluntarista de Khruchov, contra a difamação de Stáline, contra a desastrosa política, indiferente às classes, da «*coexistência pacífica*», que tinha de conduzir à destruição da URSS e dos estados membros do Pacto de Varsóvia, que abriu as portas à contrarrevolução.

No plenário do CC do PCUS, de Outubro de 1964, Khruchov foi derrubado com a ajuda fervorosa de Mikoian, nessa altura presidente do Soviete Supremo. Mikoian manifestou-se então contra o voluntarismo na política económica de Khruchov, que ele próprio tinha apoiado. Mikoian revelou-se uma personalidade muito hábil. Na linguagem política uma tal personalidade designa-se de oportunista.

Tal é a «*avaliação*» que faz de Stáline na altura do ataque, à qual Willi Gerns dispensa cinco colunas, em comparação com as três colunas para Vassilévski e uma coluna para Timochenko, enquanto Júkov nem sequer é referido.

Segundo Mikoian, Stáline recusou «*categoricamente*» dirigir-se ao povo através da rádio, com a explicação: «*Não tenho nada a dizer ao povo. Mólotov que fale.*» Stáline estaria «*num tal estado de preocupação que não sabia o que dizer ao povo*». Na verdade, a coisa foi um pouco diferente. Stáline esteve, até 3 de Julho, doente com uma forte bronquite e amigdalite, que o impedia de fazer comunicações

para isto há mais de 150 anos no *Manifesto do Partido Comunista*. A burguesia «*transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o cientista nos seus trabalhadores assalariados*» (MEW 4/465). O historiador oficial também não é aqui nenhuma excepção.

²² *Marxistische Blaetter (Revista Marxista)*, Caderno 2-03, p. 70-74.

²³ *História do Partido Comunista da União Soviética*, Moscovo, 1969/Berlim, 1971, pp. 708-710.

pela rádio.²⁴ Se Mikoian esteve na referida reunião tinha de o saber. Por isso ou não esteve presente ou mentiu. No seu diário, referente à data de 22.06, Dimitrov refere os presentes nessa reunião. Mikoian não é referido.²⁵ As afirmações atribuídas a Stáline por Mikoian também não se encontram nos relatórios dos camaradas presentes na reunião.

O antigo historiador da RDA, Wolfgang Ruge, assegura-nos no seu surpreendente artigo «*Quando Lénine só queria cultivar legumes*»,²⁶ que Stáline caiu em «*apatia*» depois do ataque de 22 de Junho. Manifestamente, Ruge, que no tempo da RDA produziu trabalhos muito bons sobre a República de Weimar e os seus políticos, como Brüning, Streseman, Hindenburg, entre outros, envelheceu bastante desde então.

Nas suas memórias, Júkov descreve exacta e detalhadamente o comportamento de Stáline a 22 de Junho.

Na noite de 22 de Junho, todos os membros do Estado-Maior e do Comissariado do Povo para a Defesa permaneceram nos seus postos. Cerca da meia-noite (de 21 para 22 de Junho) todos os sinais indicavam o avanço das tropas fascistas na direcção da fronteira. Às 00.30 horas, Stáline foi informado. Júkov informou-o e solicitou autorização para tomar medidas militares.

«*Stáline não disse nada.*

“Compreendeu-me?”

Outra vez silêncio.

Finalmente Stáline perguntou: “Onde está o comissário do povo?” [Timochenko, UH]

“Telefone para o distrito militar de Kiev.”

“Venha com Timochenko ao Krémelin. Diga a Poskrebichev para convocar todos os membros do Politburo.”»

Entre as 4.00 e as 4.30 horas chegaram notícias sobre os ataques aéreos alemães à frota do Mar Negro, sobre o início dos combates das tropas alemãs na fronteira dos distritos militares ocidental e báltico.

Pelas 4.30 horas reuniram-se os membros do Politburo. [Júkov não indica nomes, UH]

«Stáline estava pálido sentado à mesa, o cachimbo cheio na mão. Disse: “Tem de se contactar rapidamente a embaixada alemã”».

Foi incumbido Mólotov, que recebeu o embaixador alemão Conde von der Schulenburg.

Pouco depois, entrou Mólotov apressado. Disse: “O governo alemão declarou-nos a guerra”.

Stáline afundou-se na cadeira e reflectiu. Iniciou-se uma longa e sufocante pausa.

Júkov quebrou o silêncio e propôs utilizar todas as tropas disponíveis na fronteira para impedir o avanço das tropas.

“Não só impedir, mas destruir”, precisou Timochenko.

²⁴ Ver Hans-Juergen Falkenhagen, *Leo Trotzki und das Wesen des Troztkismus (Lev Trótski e a essência do trotskismo)*, Schriftenreihe, Caderno n.º 96/II, Berlim, Fevereiro 2003, p. 79.

²⁵ Dimitrov, *Tagebuecher 1933-1943 (Diários 1933-1943)*, org. Bernhard H. Bayerlein, 1ª edição, Berlim, 2000, p. 392.

²⁶ Neues Deutschland de 7 de novembro de 2002.

“Dê a ordem”, disse Stáline.

A 22 de Junho, pelas 07.15 horas emitiu-se a Directiva n.º 2 do Commissariado do Povo para a Defesa para todos os distritos militares. Contudo, ela não correspondia nem à relação de forças, nem à complexidade da situação e por isso não pôde ser implementada.»²⁷

Do respectivo contexto das memórias de Júkov é claro que Stáline continuou o seu trabalho a 22 de Junho. Pelas 9 horas, Timochenko e Júkov encontraram-se com Stáline no Krémelin. Informou-se sobre o estado de coisas e disse: *«Mólotov vai falar pela rádio ao meio-dia»*.²⁸

Stáline leu o esboço do despacho de mobilização, limitou a extensão da mobilização prevista pelo Estado-Maior e entregou o despacho a Poskrebichev para confirmação pela presidência do Soviete Supremo.

Stáline reteve a proposta de formação do Quartel-General do Alto Comando, porque queria discuti-la ainda no *Polítburo*.²⁹

Cerca das 13 horas, Stáline telefonou a Júkov: *«Os nossos comandantes na frente não possuem experiência suficiente na condução dos combates e aparentemente perderam a cabeça. O Politburo decidiu enviá-lo como representante do Quartel-General para a Frente Sudoeste. O marechal Chapochnikov e o marechal Kulik vão para a Frente Oeste. Já instruí Chapochnikov e Kulik. Você tem de voar imediatamente para Kiev e daí seguir para Ternopol juntamente com Khruchov»*.

“Quem dirigirá o Estado-Maior numa situação tão complicada?”, perguntei. Stáline respondeu: “Ponha Vatútime a substituí-lo.”

E depois acrescentou um pouco irritado: “Não perca tempo, nós cá faremos o nosso trabalho”.³⁰

Na noite de 22 de Junho, Júkov chegou a Kiev e ligou a Vatútime.

«Nikolai Fiódorovitch Vatútime relatou-me o seguinte:

O Estado-Maior não conseguiu obter informações precisas sobre as nossas tropas e sobre o adversário, apesar da pressão enérgica dos comandos das frentes, das forças armadas e da aviação. As informações sobre os avanços do adversário eram contraditórias. Faltavam informações exactas sobre as baixas das forças terrestres e aéreas. Só se sabia que a força aérea da Frente Oeste tinha sofrido pesadas baixas. O Estado-Maior e o Commissariado do Povo não conseguiram contactar com os comandantes das frentes, o general de brigada Kuznetsov e o general do Exército Pavlov, que se tinha juntado às tropas sem o comunicar ao Commissariado do Povo. Os estados-maiores destas frentes não sabiam do paradeiro dos seus comandantes-em-chefe.

De acordo com informações do reconhecimento aéreo, combatia-se nas zonas fortificadas e por vezes a 15 ou 20 quilómetros dentro na nossa área. Tentativas dos estados-maiores das frentes para conseguir uma ligação directa com as tropas não tiveram êxito, já que a maioria dos exércitos e corpos autónomos não possuíam ligações de rádio ou por cabo.

²⁷ Júkov, *ibidem*, p. 290 e seg.

²⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 292.

²⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 292 e seg.

³⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 294.

Vatútine informou-me ainda que Stáline tinha autorizado a Directiva n.º 3 do Comissariado do Povo e ordenara que eu a assinasse.

“Que Directiva é essa?”, perguntei.

“A Directiva ordena que as nossas tropas passem à contra-ofensiva, para derrotar o adversário e avançar na direcção do seu território.”

“Mas nós não sabemos exactamente onde e com que forças o adversário ataca”, objectei. “Não é melhor esclarecer até amanhã de manhã o que aconteceu na frente e depois decidir?”

“Sou da sua opinião, mas a coisa já está decidida.”

“Bem”, disse, “coloque a minha assinatura.”»³¹

O Quartel-General constituiu-se a 23 de Junho. Júkov e Timochenko tinham proposto que Stáline fosse nomeado Comandante Supremo. Todavia, para o cargo de Comandante Supremo foi nomeado Timochenko. Júkov considerou esta decisão desaconselhável, já que Timochenko não podia tomar nenhuma decisão fundamental sem Stáline. «*Assim, de facto, ficámos com dois comandantes supremos. O Comissário do Povo Timochenko, de jure, de acordo com a deliberação, e I.V. Stáline de facto.*»³² Integravam o Quartel-General Timochenko, Júkov, Stáline, Mólotov, Vorochílov, Budióni e o comissário do povo da Marinha de Guerra, almirante N.G. Kuznetsov.³³

Isto coincide com as informações do general do exército Chtemenko. Segundo ele, constituiu-se, junto ao QG, «*um organismo de conselheiros permanentes*», a que pertenciam o marechal Chapochnikov, os generais Meretskov, Vatútine, Vorónov, assim como os membros do *Politburo* Mikoian, Voznessénski, Jdánov, entre outros.³⁴

A 30 de Junho constituiu-se o Comité de Defesa Estatal, sob a direcção de Stáline, que exercia todo o poder na URSS. A 8 de Agosto foi transformado em Grande Quartel-General. Stáline foi nomeado Comandante Supremo, de acordo com a proposta original de Júkov e Timochenko.³⁵

Júkov escreveu o seguinte sobre o estilo de trabalho no QG: «*Normalmente não havia nervosismo; cada um podia dar a sua opinião. Stáline comportava-se de forma igual com todos, rigoroso e bastante formal. Sabia ouvir, quando o informavam com conhecimento de causa.*

Aliás, durante os longos anos da guerra, convenci-me de que ele não era, de forma nenhuma, alguém com quem não se pudesse discutir ou perante quem não se pudesse levantar questões prementes e defender veementemente o seu ponto de vista. Quem afirmar o contrário, respondo-lhe de imediato: isso não é verdade.»³⁶

«Antes da guerra era difícil medir os conhecimentos e capacidades de Stáline no campo da ciência militar, na arte operativa e estratégica, já que nessa época, no Politburo e pessoalmente junto a Stáline, sempre que tive oportunidade de estar

³¹ Idem, ibidem, p. 294 e seg.

³² Idem, ibidem, p. 293.

³³ Idem, ibidem. O almirante Kuznetsov foi membro do QG só até 8 de Agosto de 1941. Depois de novo só a partir de 17 Fevereiro. Era chamado ao QG quando se deliberava sobre questões da frota.

³⁴ Chtemenko, vol. 1, p. 28.

³⁵ Idem, ibidem, p. 33.

³⁶ Júkov, ibidem, p. 345.

presente, se discutiram e se tomaram decisões principalmente sobre questões organizativas, problemas de mobilização e assuntos técnicos. Já relatei que Stáline se ocupava muito com questões do armamento e das técnicas de combate. Chamava frequentemente construtores-chefe de aviões, de artilharia e blindados e informava-se em pormenor sobre os detalhes de construção das respectivas técnicas de combate, quer no nosso país, quer no estrangeiro. Conhecia bem as características dos principais tipos de armas.

Stáline exigia dos construtores-chefe e dos directores das fábricas (conhecia muitos pessoalmente) que os modelos de aviões, blindados e artilharia, assim como de outros meios técnicos, fossem entregues nos prazos e que fossem não só de nível mundial, mas o ultrapassassem.

Sem o seu consentimento, nenhum modelo de armamento ou outra técnica de combate podia ser introduzida nas forças armadas. Isto, naturalmente, dificultava a iniciativa dos comissários para a Defesa e os seus representantes responsáveis pelo armamento.

Antes da Grande Guerra Pátria, e sobretudo depois, atribuiu-se a Stáline o papel dirigente no desenvolvimento das forças armadas, na elaboração das bases da ciência militar soviética, nas directrizes da estratégia e até da arte operativa. Stáline terá sido, na realidade, uma cabeça tão excepcional na área do desenvolvimento das forças armadas e um tão profundo conhecedor das questões estratégico-operativas?

Conheço muito bem Stáline da perspectiva militar, já que comecei e acabei com ele a guerra. Ele dominava a organização das operações de cada frente e grupos da frente e dirigia-as de forma conhecedora, orientando-se nas grandes questões estratégicas. Nesse aspecto mostrou o seu valor enquanto Comandante Supremo em Stalingrado.

A sua rica intuição foi-lhe útil no comando da luta armada. Ele possuía a capacidade de reconhecer o elo principal na situação estratégica para reagir contra o adversário e conduzir esta ou aquela grande operação de ataque. Ele foi, sem dúvida, um digno Comandante Supremo.

Naturalmente, Stáline não sabia o quão multiforme era o complexo de questões com que a tropa e os seus órgãos dirigentes se debatiam a todos os níveis, no meticoloso trabalho para preparar, de forma minuciosa, esta ou aquela operação numa das frentes ou num grupo de frentes. Mas também não tinha de o saber necessariamente. Nestes casos, naturalmente, reunia com os membros do Quartel-General, o Alto Comando e os especialistas para a artilharia, tropas blindadas, força aérea, marinha de guerra, serviços de retaguarda e abastecimento. Uma série de concepções básicas são atribuídas pessoalmente a Stáline, por exemplo sobre os métodos do ataque de artilharia, sobre a conquista do domínio do ar, sobre os métodos de cercar o adversário, sobre a divisão de grupos cercados e a sua destruição, e etc. Todos estes problemas importantes da arte da guerra são fruto dos conhecimentos ganhos nas lutas e combates contra o inimigo, são resultado de profundas reflexões e generalizações de experiências de um grande colectivo de chefes militares e da própria tropa.

É mérito de Stáline ter compreendido correctamente os conselhos dos mais respeitados especialistas militares, completado, desenvolvido e transmitido em linhas mestras, directrizes e instruções práticas às tropas. Para além disso, Stáline mostrou o seu valor na segurança das operações, na criação de reservas estratégicas, na organização da produção de técnicas de combate e na criação de tudo o que

era necessário para a frente, ou seja, enquanto excelente organizador. Seria injusto não o reconhecer.»³⁷

«Stáline era uma pessoa determinada, não era um covarde. Só o vi uma vez abtido: na madrugada de 22 de Junho de 1941. A sua confiança em que se podia evitar a guerra tinha-o enganado.

Depois de 22 de Junho de 1941, Stáline, com o CC do Partido e o governo soviético, dirigiu de forma segura o país, as operações militares e os assuntos internacionais durante toda a guerra».³⁸

Dimitrov anotou no seu diário os acontecimentos destes dias:

«21.6.41

- no telegrama de Chu-En-Lai de Chongqing para Yan'an (para Mao Tsé Tung) refere-se, entre outras, que Chang-Kai-Chek afirma persistentemente que a Alemanha atacará a URSS e ele até refere uma data: 21.6.41.

- Os rumores sobre o ataque iminente multiplicam-se por todo o lado.

- Tem de se ter cuidado...

- Telefonei de manhã a Mólotov. Pedi-lhe para debater com Ioss[if] Vissárionovitch [Stáline] a situação e as necessárias instruções para os partidos comunistas.

- Mol[otov]: «A situação não é clara. Joga-se um grande jogo. Nem tudo depende de nós. Falarei com Ioss[if] V[issárionovitch]. Quando houver algo especial, telefono-te.

22.6.41

- Domingo.

- Fui chamado de urgência ao Krémlin às 7h da manhã.

- A Alemanha atacou a URSS. Começou a guerra.

- Encontro na antessala Poskrebichev, Timochenko, Kuznetsov [i.e. Nikolai Kuznetsov], Mekhlis (de novo em uniforme), Béria (que dá várias instruções por telefone).

- No escritório de Stáline encontram-se Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch, Malenkov.

- Stál[ine] para mim: "Atacaram-nos sem nos colocarem qualquer exigência, sem requererem quaisquer negociações, atacaram-nos vilmente como ladrões. Depois do ataque, depois do bombardeamento de Kiev, Sebastopol, Chitomir e outros locais, apareceu Schulenberg com a declaração de que a Alemanha se sentiu ameaçada com a concentração de tropas soviéticas na fronteira leste e tomou medidas. Os finlandeses e os romenos estão ao lado dos alemães. A Bulgária assume a representação dos interesses da Alemanha na URSS." – Só os comunistas podem vencer os fascistas...

- Admirável é a calma, firmeza e confiança de Stáline e de todos os outros.

- Redige-se a declaração do governo que Mólotov deverá ler na rádio.

- São dadas instruções ao exército e à marinha.

- Medidas para a mobilização e situação de guerra.

Está pronta uma sede subterrânea para o trabalho do CC e do Alto Comando.

- Os representantes diplomáticos, disse Stáline, têm de sair de Moscovo e ser levados para outros locais, por exemplo para Kazan. Aqui podem fazer espionagem.

³⁷ Idem, ibidem, pp. 348-350.

³⁸ Idem, ibidem, p. 328 e seg.

– *Acordamos linhas sobre o nosso trabalho. O Komintern não deve, para já, aparecer publicamente. Os partidos desenvolvem localmente um movimento para defesa da URSS. Não é de lançar a questão da revolução socialista. O povo soviético conduz uma guerra patriótica contra a Alemanha fascista. Trata-se da destruição do fascismo, que escravizou uma série de povos e ambiciona escravizar outros povos...*

– *No Komintern foram convocados os secretários e os membros dirigentes. Nós explicámos-lhes a nossa posição e as tarefas neste momento.*

– *Enviou-se instruções aos partidos comunistas na América, Inglaterra, Suécia, Bélgica e França, Holanda, Bulgária, Jugoslávia e China.*

– *Decidiu-se uma série de medidas organizativas. Declarou-se a mobilização de todas as nossas forças.»³⁹*

Das memórias pormenorizadas de Júkov, dos registos de Dimitrov e Chtemenko percebe-se claramente que Stáline assumiu, na madrugada de 22 de Junho, a chefia da defesa do país. Stáline assumiu também a responsabilidade pelo facto de a direcção soviética se ter deixado surpreender pelos fascistas e colocou ao *Politburo* a questão do voto de confiança.⁴⁰

Não há nenhuma prova de que Stáline tenha caído em apatia, se tenha retirado dias a fio. Todavia, não se encontrava na melhor das disposições.

A 3 de Julho, depois de a sua incomodativa doença estar mais ou menos ultrapassada, Stáline dirigiu-se aos povos da União Soviética através da rádio.⁴¹ O seu discurso compreendia quatro temas: 1. as tropas fascistas alemãs são invencíveis? 2. a assinatura do pacto de não-agressão com a Alemanha fascista foi um erro? 3. medidas para a mobilização dos povos da União Soviética; 4. a natureza da guerra.

1. Como a história mostra, não existem exércitos invencíveis. Stáline referiu Napoleão cujo exército era considerado invencível e, no entanto, fora derrotado várias vezes pelas tropas russas, inglesas e alemãs. O mesmo era válido para o exército alemão de Guilherme na época da primeira guerra imperialista. Também era considerado invencível e foi igualmente derrotado. Os exércitos fascistas de Hitler não encontraram no continente europeu «*nenhuma resistência séria*». Não foi esse o caso na URSS. O Exército Vermelho derrotou «*em resultado dessa resistência*» as «*melhores divisões do exército fascista alemão*», o que significa «*que o exército fascista de Hitler também virá a ser derrotado, como os exércitos de Napoleão e Guilherme foram derrotados*».⁴²

Perante as notícias descontínuas e contraditórias da frente recebidas no QG nos primeiros dias de guerra, talvez pareça exagerada a afirmação de que «*as melhores divisões*» das tropas fascistas tinham sido «*derrotadas*». Contudo, é um facto que as tropas alemãs fascistas, desde os primeiros dias, depois de ultrapassada a surpresa do ataque, encontraram uma inesperada resistência do Exército Vermelho, como também Tippelskirch teve de confirmar: «*Surpreendente foi a dureza com que o inimigo lutou, surpreendente também a quantidade de contra-ataques de blindados. Estava-se perante um inimigo com vontade de aço, cujas forças entravam em*

³⁹ Dimitrov, *ibidem*, p. 392 e seg.

⁴⁰ Ver Falkenhagen, *ibidem*, p. 79.

⁴¹ SW 14/236-242.

⁴² *Idem*, *ibidem*, p. 237.

acção de forma brutal, e hábil operativamente. Não havia razão para preocupações sérias, mas já era possível reconhecer o seguinte: aqui não se tratava de derubar um castelo de cartas com golpes rápidos. Esta campanha não iria decorrer tão facilmente e de acordo com os planos como as anteriores.»⁴³

2. A assinatura do pacto de não-agressão não foi nenhum erro. «*Um pacto de não-agressão é um acordo de paz entre dois Estados*». A Alemanha propôs esse pacto à URSS. Nenhum «*Estado que ame a paz pode recusar um acordo de paz com um império vizinho, mesmo se na chefia desse império se encontram monstros e canibais como Hitler e Ribbentrop*». Isto só, naturalmente, quando «*nem directa nem indirectamente [for beliscada] a integridade territorial, a independência e a honra do Estado amante da paz*». O Pacto de Não-Agressão entre a Alemanha e a URSS foi «*exactamente um destes pactos*». A URSS, através dele, assegurou para si «*um ano e meio de paz*» e obteve a possibilidade de preparar as suas forças para a defesa. A Alemanha, ao romper o pacto, «*conseguiu por um curto espaço de tempo uma certa situação vantajosa para as suas tropas, (...) mas perdeu do ponto de vista político*». A Alemanha desmascarou-se perante todo o mundo como «*agressor sangrento*». A «*vantagem militar a curto prazo*» para a Alemanha era só «*um episódio*». A vantagem política da URSS era «*um sério factor a longo prazo*».

Por conseguinte, no curto prazo, os fascistas retiraram vantagens táctico-operativas de efeito rápido, mas a longo prazo os factores políticos a favor da URSS surtiriam efeito. Manifestamente, Stáline evitou expor as verdadeiras causas da assinatura do Pacto de Não Agressão com a Alemanha fascista, em atenção aos agora aliados britânicos, ao Sr. Churchill. Expor publicamente o parceiro de aliança britânico seria uma burrice política. Isso já era história. A tarefa consistia em proteger a URSS da destruição. Churchill estava perante a mesma tarefa, no que diz respeito ao império britânico. A destruição dos agressores fascistas alemães era no interesse dos governos soviético e britânico.⁴⁴

3. Esta guerra imposta à URSS era uma «*guerra de vida ou de morte*». Isto exige o esforço de todas as forças dos povos da União Soviética. É necessário tomar as seguintes medidas: **a)** os «*homens e mulheres soviéticos*» têm de «*compreender a toda a dimensão do perigo que ameaça o nosso país*». Deve acabar-se «*com tranquilidade despreocupada e a atmosfera de construção pacífica*». O objectivo do inimigo é «*ocupar o nosso território, apropriar-se dos nossos cereais, do nosso petróleo, dos frutos do nosso trabalho*». O poder dos latifundiários seria de novo recuperado, o tsarismo restabelecido, as culturas nacionais e a autonomia nacional dos povos livres da URSS seriam destruídas. Tornar-se-iam escravos dos príncipes e barões alemães. Os soviéticos tinham de compreender isto, preocuparem-se, mobilizarem-se, adaptar todo o seu trabalho à guerra.

Estes avisos de Stáline demonstram capacidade de antevisão. Os assassínios em massa dos soviéticos pelos fascistas, o roubo de bens materiais e a sua destruição maciça, a deportação de centenas de milhares de homens e mulheres para trabalho escravo na Alemanha, o genocídio da população judaica, ainda não tinham acontecido 11 dias depois do ataque. Ainda estavam por acontecer. Os avisos revelaram-se completamente justificados. No entanto não se encontram indícios de os fascistas tencionarem restaurar o tsarismo. **b)** «*Nas nossas fileiras não pode haver lugar*

⁴³ Tippelskirch, ibidem, p. 187.

⁴⁴ SW 14/237 e seg.

para pessimistas, cobardes para alarmistas e desertores». Os soviéticos não devem «sentir medo no combate» e têm de «estar dispostos a fazer sacrifícios na nossa guerra de libertação pátria contra os opressores fascistas». **c)** Todo o trabalho tem de se adaptar à guerra, subordinar-se aos interesses da frente. «O Exército Vermelho, a Marinha Vermelha e todos os cidadãos da União Soviética (...) têm de combater até à última gota de sangue pelas nossas cidades e aldeias». **d)** Tem de se assegurar «todo o apoio ao Exército Vermelho» e «o reforço das suas fileiras». Garantir o seu abastecimento com tudo o necessário, o rápido transporte de tropas e bens militares, a ajuda aos feridos. **e)** Tem de se fortalecer a retaguarda do Exército Vermelho. Assegurar o fabrico de armas e munições em todas as fábricas. Organizar a defesa de fábricas, centrais eléctricas, comunicações, fazer funcionar a defesa antiaérea local. **f)** Organizar o combate impiedoso contra todos os sabotadores na retaguarda, contra os desertores, alarmistas, boateiros. Espiões, sabotadores e paraquedistas inimigos⁴⁵ devem ser eliminados. «Todos os que impedirem a defesa do país através de alarmismo e cobardia têm de ser entregues imediatamente, sem excepções, aos tribunais de guerra.» **g)** Em retirada imposta a partes das tropas do Exército Vermelho todo o material rolante dos caminhos-de-ferro, cereais, combustíveis, animais devem ser transportados para a retaguarda. «Todos os bens úteis, entre eles metais, cereais e combustíveis, que não possam ser transportados, têm de ser destruídos. Nas áreas ocupadas pelo inimigo devem constituir-se unidades de partisans, a pé e a cavalo, assim como grupos de divisões. Deve fomentar-se a guerrilha em toda a parte. Nas regiões ocupadas devem criar-se condições insuportáveis para o inimigo e seus ajudantes, que têm de ser perseguidos passo a passo e destruídos, fazendo fracassar todas as suas medidas.»⁴⁶

4. A guerra contra a Alemanha fascista não deve ser entendida como uma guerra vulgar. «Não é só uma guerra entre dois exércitos. É também a grande guerra de todos os povos soviéticos contra as tropas fascistas alemãs.» Stáline definiu esta guerra como «**guerra-pátria do povo**», que não devia ser conduzida só para eliminar o perigo para a União Soviética, «mas também para ajudar todos os povos da Europa, que sofrem sob o jugo do fascismo alemão.» Nesta **guerra de libertação** «teremos aliados fiéis nos povos da Europa e América, entre eles também no povo alemão, escravizado pelos detentores do poder fascistas. A nossa guerra pela libertação da nossa pátria fundir-se-á com a luta dos povos europeus e americano pela sua independência, pelas suas liberdades democráticas.»

Com a referência de também encontrar no povo alemão «aliados fiéis», Stáline distingue explicitamente o povo alemão dos fascistas. Esta distinção política essencial – 11 dias depois do ataque! – foi várias vezes por ele repetida e nela baseou-se a política do Estado soviético. É neste contexto que se deve entender «o discurso histórico do Sr. Churchill» sobre a «ajuda à União Soviética» assim como a «Declaração do Governo dos Estados Unidos da América sobre a sua disponibilidade, de ajudar o nosso país.»⁴⁷

⁴⁵ Refere-se, evidentemente, a agentes introduzidos por lançamento de paraquedas e não tropas regulares de paraquedistas que, caso fossem presos, eram tratados como prisioneiros de guerra.

⁴⁶ SW 14/239-241

⁴⁷ Idem, ibidem, p. 241 e seg. Sublinhado meu.

Neste discurso radiofónico, Stáline aliou o significado nacional ao significado internacional da guerra, enquanto guerra «*patriótica*» e de «*libertação*». Stáline evitou qualquer referência à defesa do socialismo ou até revolução socialista e ao internacionalismo proletário. O aspecto de classe tinha de passar para segundo plano perante a pressão descomunal do perigo que o fascismo representava, ainda que esteja implícito na definição de guerra «*patriótica*», já que a pátria era socialista. Neste contexto deve recordar-se que os imperialistas alemães, já em 1914, cobiçavam as ricas matérias-primas russas. Logo na República de Weimar, os olhares vorazes do ávido capital monopolista alemão já estavam voltados para a Ucrânia, a Bacia do Donetsk, a região do Cáucaso, para o petróleo, cereais e minério russo. Mesmo se a Rússia fosse um país burguês, os imperialistas alemães teriam declarado a guerra. A questão ideológica veio por acréscimo. A Rússia actual é de novo um país imperialista, ainda que por agora fraco, tal como as antigas repúblicas soviéticas não russas, o que não impede minimamente os ladrões imperialistas dos EUA, Grã-Bretanha e da RFA de explorar as matérias-primas que aí se encontram, não obstante as zangas na luta pelo saque. Nem os imperialistas britânicos conseguiram obter os campos petrolíferos de Baku durante a guerra de intervenção (1918-1920), nem os imperialistas alemães conseguiram obter os campos petrolíferos de Grózni e Baku em 1941-42. Está ainda para ver se desta vez o conseguem, através dos separatistas chechenos, através das sonantes frases sobre o direito de autodeterminação dos povos, da democracia, cujos guardiões do Graal, como se sabe, os imperialistas sempre foram e são e se o conseguirem, durante quanto tempo, pois tenho a certeza de que a Rússia não se manterá o que hoje é.

O conceito «*guerra de libertação*» teve desde o início o sentido de uma guerra antifascista, abrangente, de todas as classes. Contudo, entre os aliados na coligação anti-hitleriana a questão de classe esteve presente durante toda a guerra, como demonstraremos mais à frente.

Este discurso radiofónico de Stáline surtiu um forte efeito de mobilização entre os povos da União Soviética. O próprio Tippelskirch teve de reconhecer que o «*apelo*» de Stáline encontrou «*ouvidos*», «*que se tornaram cada vez mais disponíveis à medida que a guerra se prolongava e que a fama da invencibilidade alemã empalidecia*».

Tippelskirch ficou particularmente irritado com o referido no ponto 3 do citado apelo de Stáline, em se dá a indicação para evacuar ou destruir todos os bens úteis, de forma a «*não deixar ao inimigo (...) nem um quilo de cereal, nem um litro de combustível*». Percebe-se a sua irritação.